

Razões para “Úrsula”

Rosa Chamorro¹
Universidad del Magdalena
rosa-chamorro@javeriana.edu.com

Resumo: O presente texto tece uma reflexão literária e sociológica sobre a condição feminina e a escravatura no Brasil do século XIX, tomando como ponto de partida o romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. A narrativa analisa o silenciamento imposto às mulheres, traçando um paralelo entre a personagem titular, Úrsula, e a escravizada Susana, ambas subjugadas pela violência patriarcal e pelo sistema escravocrata. O ensaio destaca a escrita feminina — evocando também a figura de Nísia Floresta — como um ato de resistência e ruptura contra a invisibilidade e a moral vigente. Ao revisitare as dores e as fugas destas personagens, o trabalho discute a legitimidade da autoria feminina negra e a literatura como ferramenta de memória e liberdade contra o esquecimento histórico.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; Literatura feminina; Escravidão; Patriarcado.

Reasons for “Úrsula”

Abstract: This text weaves a literary and sociological reflection on the female condition and slavery in 19th-century Brazil, taking the novel *Úrsula* (1859) by Maria Firmina dos Reis as a starting point. The narrative analyzes the silencing imposed on women, drawing a parallel between the titular character, Úrsula, and the enslaved Susana, both subjugated by patriarchal violence and the slave-holding system. The essay highlights female writing—also evoking the figure of Nísia Floresta—as an act of resistance and rupture against invisibility and prevailing morals. By revisiting the pains and escapes of these characters, the work discusses the legitimacy of Black female authorship and literature as a tool of memory and freedom against historical oblivion.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; Female literature; Slavery; Patriarchy.

Eu havia me enganado de lugar e nunca acreditei que chegaria a escrever um romance. As mulheres não escrevem, não pensam, não tomam decisões, não lhes é permitido mais do que uma educação modesta; uma mulher brasileira, não preferia casar-se? E não é a vaidade de adquirir fama que me cega, nem o amor próprio de uma autora. Uma mulher negra, escravizada ou branca, cada

¹Poeta afrocolombiana nacida en Corozal (Sucre) en 1985. Filósofa con Especialización en Políticas Públicas y Justicia de Género. Activista política y social. Cultiva el toque de tambor para acompañar su poesía. Investigadora de la música ancestral y ensayista. Ha publicado los libros "Luna en Fuego" y "La Sierra Negra". Currículo: https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurrículoCv.do?cod_rh=0000178708# Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3319-2259>

uma tinha seu lugar, como flores silvestres enraizadas na terra, como pequenos ovinhos. Sempre presentes em casa, nos conventos, nos casamentos, nos batizados e nos funerais. Até mesmo nos olhos perscrutadores dos homens.

As mulheres guardam silêncio, esse silêncio que pode ser opressivo, de extensas zonas de calma e desespero. Então, pela primeira vez, Susana pensou na escravidão e nunca mais parou de pensar. Para as mulheres negras, tudo se originava naquele mundo atroz, que a cada momento é remendado para que a ignomínia perdure; depois que os navios negreiros, -caixões flutuantes-, cruzavam diante da porta do não retorno, o mundo da dor era o único próximo, e a relação entre senhor e escravizado era a única possível. E para os nascidos na escravidão, havia outro mundo? O dos relatos das mães e das avós; lá estão as vozes, nas palavras que permanecem, em suas imagens. Uma prodigiosa armadilha para abrigar a esperança. Então, há muito tempo, elas não decidiam o que eram, no mundo que lhes era destinado. No entanto, uma escrava, Joana, conseguiu fugir até se perder nos matagais. Ousada, corajosa, determinada e rebelde. Eu me lembro dela correndo, como uma sombra que desaparece. Eu a lembro contrariando a época, as advertências, a lei. Eu a vejo agora, novamente, muda e imóvel como Úrsula, a branca Úrsula, a delicada filha de Luísa B., a quem foi dado mais consideração, em todo caso, do que à sua escrava Susana; ela a precedeu na morte por pouco tempo. Ser branca não contou, ou talvez a consideração pela cor da pele não contasse quando se tratava de livre escolha. Seu tio, um homem de amor delirante (nem mesmo se conteve quando a própria religião o condenava), foi o carrasco de seu marido e de seus escravizados. A Úrsula foi permitido morrer em seu quarto, enlouquecida de dor, como um espectro sofredor; já Susana, sua escrava, sempre mais vulnerável, foi ferida tantas vezes e exposta ao ódio desatado pela mão do senhor e aos impropérios que lhe dispensavam por ser escrava. E ao esquecimento, ninguém pensará mais nela, nem em seu rosto, cujo nome ninguém recorda. Sua única finalidade na vida era obedecer; nisso Susana se igualou a Úrsula: ambas se viram assim objetificadas, subjugadas aos olhos dos outros. Eu as vejo novamente agora, em seu último grito, afiado, mais sutil que a vingança, a desobediência. Desafiando algo proibido.

Afinal, em 1860, Maria Firmina dos Reis havia publicado *Úrsula*, e antes, em 1832, Nísia Floresta publicou seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, e em 1838 abriu uma escola onde incontáveis mulheres tinham opções de educação além do bordado, para não citar mais de um par de exemplos de mulheres que todos deveríamos conhecer.

Sim, claro, era o século XIX e o Brasil não estava imune ao eco dos ideais revolucionários que haviam sacudido a Europa: igualdade e liberdade, abraçar a revolução que, pelo menos em teoria, implicava adotar a essência do francês. E sim, eu estava no lugar errado, mas era algo contra a corrente, que muitas vezes continuava sendo repellido, ser abolicionista em uma sociedade onde a

abominável prática da escravidão e o silenciamento das mulheres ainda estavam profundamente enraizados.

E o que resta então, nessa sociedade de moral cristã, paradoxalmente, é o castigo ou a vingança, ambos mais difíceis de aceitar e com nuances muito distintas; porque não se tratava de compaixão ou piedade, o que ajudaria a justificar a abolição. Não, aqui o importante eram os interesses dos grandes latifundiários, dos senhores, seu direito à propriedade, a seus feudos e a dispor da força de trabalho e da vida de seus escravizados – tão inferiores que eram totalmente invisíveis na constituição brasileira de 1824. Sim, a vindicta pública, lei que ainda persiste, lei que garante ao forte o direito abusivo e execrável de oprimir o fraco. Os senhores praticavam isso à vontade. E eu sabia, conheci uma vez um homem que matou uma mulher, qualquer homem podia matar. Qualquer homem tinha o direito de fazê-lo, queria fazê-lo, ao menos uma vez na vida, matar; e mais ainda quando o medo estava em seus próprios olhos, aquele medo do que fugia de seu controle. Eles sabiam disso, alguns até chegaram a vislumbrar esse espaço, a ouvir o eco desse anseio silenciado, dessa promessa secreta, o retorno à origem, o retorno à própria casa. E eu também sabia, por isso, quando as olhei; eu poderia ter escrito algo diferente, escrever sobre a esposa abnegada, sobre a mãe amorosa, sobre as jovens que esperam pelo casamento, sobre as virgens e puras ou as bruxas malignas, a jovem negra promíscua, a mulata de destino trágico ou a velha negra malvada. Felizmente, na própria experiência, encontra-se o que contradiz tudo isso. Nem tudo acontece sempre como se pensa ou à risca. Isso era antes, nas novelas, não na prática; afinal, Joana, Susana e Úrsula ainda resistem em se render ao silêncio. Sim, em grande medida, livres porque eu, também o era.